

## **A possibilidade do incomum: as desilusões de Aníbal em *a geração da utopia*, de Pepetela**

### **The possibility of the uncommon: the disillusion of Aníbal in *the generation of utopia*, from Pepetela**

Daniel Conte<sup>1</sup>  
Marinês Andréa Kunz<sup>2</sup>  
Jéssica Schmitz<sup>3</sup>

**RESUMO:** *A Geração da Utopia*, de Pepetela, apresenta uma reflexão crítica do período colonial, da transição para a independência de Angola e sobre como esse processo foi marcado por uma violência simbólico-discursiva. Nessa ordem, figuram personagens que se assumem como porta-vozes da nação que foi silenciada e que agora quer se fazer ouvir, rompendo o silêncio imposto pela condição colonial. A materialidade ficcional traz à tona a projeção da utopia e a sistematização da impossibilidade do alcance pleno do projeto de nação idealizado, erguendo fronteiras, no pós-independência, entre os iguais. No contexto da obra, atentaremos para o percurso de dois personagens em especial: Aníbal e Sara, evidenciando sua significação para o entendimento do processo de libertação do jugo colonial. Os estudos teórico-críticos de Ana Mafalda Leite, Boaventura de Sousa Santos, Edward Said, Eni Orlandi, Ernst Cassirer e Rita Chaves servirão de base para a análise da obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. História. Pepetela. Revolução. Desilusão.

**ABSTRACT:** *The Generation of Utopia*, from Pepetela, shows a critical reflection of the colonial period, from transition to the independence from Angola and about how this process was marked by a symbolic-discursive violence. In this context are portrayed characters who assume themselves as spokespeople of the nation which was silenced and now wants to be heard, rupturing the silence enforced by the colonial condition. The fictional materiality surfaces the utopia projection and the systematization of the impossibility to reach the project of an idealized nation - raising borderlines - in the post independence between the equals. In the context of the plot, it will be focused especially on the path of two characters: Aníbal and Sara, emphasizing their signification to the understanding of the liberation process of the colonial submission. The theorist-critic studies of Ana Mafalda Leite, Boaventura de Sousa Santos, Edward Said, Eni Orlandi, Ernst Cassirer and Rita Chaves will be used as a foundation for the analysis of the story.

**KEYWORDS:** Literature. History. Pepetela. Revolution. Disillusion.

### **À GUIA DE APRESENTAÇÃO**

Dentre as obras de Pepetela, *A Geração da Utopia* é aquela que melhor apresenta a organização da resistência e a desilusão pós-independência. Na narrativa, os narradores apresentam não apenas um arranjo simbólico verossímil, mas movimentam-se à evidenciação de fatos que compõem a contemporaneidade social da história angolana. A narrativa centra-se na discursividade dos sujeitos que escreve(ra)m essa história, aqueles que de fato a vive(ra)m, distantes das apologias nacionalistas oficiais. Ao largo da narrativa, desfralda-se o sujeito, que outrora também foi guerrilheiro, trazendo à escuta vozes que retratam um período que vai desde o começo da resistência organizada contra a administração portuguesa na colônia até o

<sup>1</sup> Daniel Conte – Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana (2008). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, professor permanente e pesquisador da Universidade Feevale, atuando no PPG em Processos e Manifestações Culturais e no Mestrado Profissional em Letras. Parecerista AD HOC da CAPES. Diretor para a América Latina do MAGREB - Institut D'Estudis Imaginaris.

<sup>2</sup> Marinês Andréa Kunz – Doutora em Linguística e Letras pela PUC-RS (2004). Professora titular da Universidade Feevale, atua no Curso de Letras, no Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e no Mestrado de Indústria Criativa. Atualmente é Diretora do Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes.

<sup>3</sup> Jéssica Schmitz – Mestre em Processos e Manifestações Culturais. Graduada em Letras – Português/Inglês – Universidade Feevale.

período pós independência, quando o novo ideológico estruturante da jovem nação plasticiza a rede de preferências gestada no país democrático. Já no primeiro capítulo, é apresentada a convulsão das posições ocupadas pelos atores inseridos na mesma formação discursiva<sup>4</sup> do pré-independência; nuances ideológicas latentes do início das cisões políticas, indo até o ano de 1992, quando já haviam passado dezessete anos da independência do país, ocorrida em 1975.

No percurso narrativo, quem narra e torna os fatos dizíveis, plenos de sentido, são os atores partícipes de todo processo constitutivo da nação independente: desde o pensar ideologicamente a organização da resistência; do empreendimento da luta armada e, posteriormente, da conquista da independência política. Aparece, também, na construção da representação de Pepetela, uma fissura entre personagens que se opõem e se desdizem discursivamente, o que é comum às literaturas escritas em língua portuguesa das ex-colônias, uma vez que a repensagem da estrutura imaginária é, no mínimo, comovente para cada sujeito que se vê diante da opção de *ser* ou *estender-se* à materialidade da história, como observa Ortiz-Osés (1993).

Uma série de estudos nos campos das Letras, Sociologia e Antropologia vêm sendo publicados sobre essas tensões estabelecidas entre os conceitos de colonialismo, pós-colonialismo, pós-independência e nação, a fim de autenticar e evidenciar outras vozes, que englobam a trajetória das recentes nações africanas, se pensarmos o pós-colonialismo como “um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial escrita pelo colonizador e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado” (SANTOS, 2010, p.223). Nessa ordem, pode-se, ainda, dizer que o pós-colonial deve ser compreendido através de duas acepções: uma que sucede a independência e que remete, de fato, ao período histórico, e a outra que leva em consideração o ponto de vista do colonizado e todas as problemáticas surgidas durante o período ditatorial. Dessa forma, o “pós-colonialismo contém uma crítica, implícita ou explícita, aos silêncios das análises pós-coloniais na primeira acepção” (SANTOS, 2003, p. 224).

A narrativa de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos apresenta, portanto, uma reflexão crítica sobre o período colonial e sobre como a violência marcou esse processo, na mesma ordem figuram personagens que se assumem como porta-vozes da nação que foi silenciada e que agora quer se fazer ouvir, rompendo o silêncio imposto pela condição colonial. A materialidade ficcional traz à tona a projeção da utopia e sua relativa arguição e, em

---

<sup>4</sup> A referência a este conceito é consoante a Pêcheux (1988), quando assevera que a Formação Discursiva (FD) corresponde a um domínio de saber, formado por enunciados discursivos que revelam uma maneira de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito. O sujeito se relaciona com a FD, e, através dessa relação, chega-se ao funcionamento do sujeito discursivo.

contrapartida, os percalços que fizeram com que essa utopia fosse em parte alcançada, mas que, ao final da guerra e na continuidade dela, não atingisse todos os limites sonhados, erguendo fronteiras, então, entre os iguais. O estudos teórico-críticos de Ana Mafalda Leite, Boaventura de Sousa Santos, Edward Said, Eni Orlandi, Ernst Cassirer e Rita Chaves servirão de base para a análise da obra.

## **NO INÍCIO ERA O VERBO: A CASA, O EXÍLIO E O (DE)SILENCIAR-SE**

Edward Said (2000, p. 57) observa que

“em virtude de viver segundo normas diferentes, o intelectual não tem uma história, mas apenas uma espécie de efeito desestabilizador; ele provoca abalos sísmicos, sacode as pessoas, mas a sua conduta nunca se pode explicar nem pelos seus antecedentes nem pelos amigos”.

É justamente essa capacidade de desacomodar os sujeitos narrativos que faz de Sara, médica, filha de colonos portugueses em Angola, uma personagem à frente de seu tempo. É ela que apresenta ao leitor o espaço da Casa dos Estudantes, e é ela que toma a palavra e narra o percurso histórico seguido pela elite intelectual que se delineava historicamente no enredo ficcional. Ademais, por ser uma personagem centrada no imaginário feminino, recuperando a força do discurso matriarcal de Angola, tem o poder de desestabilizar discursos estáveis em seus conceitos, relativizar posicionamentos políticos e organizar a malha simbólica.

À mirada de Sara, a Lisboa para a qual ela se mudara há seis anos não era o melhor lugar para se viver. Cinzenta e melancólica, a urbe passava longe da sua terra natal, Luanda, que, ao contrário, remonta alegre e cheia de vida. É possível que esse jeito melancólico de ser tivesse justificativa, e ela própria se questionava se essas características tão bem observadas em suas caminhadas provinham do “regime político ou da essência da gente?” (PEPETELA, 2013, p.9). A personagem representa toda uma geração que deixou as colônias portuguesas para estudar em Lisboa; assim como Sara, outras personagens figuradas na obra, movimentaram-se a Lisboa, a fim de dar continuidade a seus estudos em nível superior, uma vez que a administração colonial não proporcionava uma estrutura que favorecesse a sequência dos estudos na colônia<sup>5</sup>. Ao chegarem à metrópole, esses jovens estudantes pouco conheciam daqueles espaços e, por conta disso, nascia a necessidade de se reunirem, compartilharem de um lugar comum, que lhes oferecesse segurança, amenizando, assim, a saudade de casa e fortalecendo os laços comuns, uma vez que a permanência na metrópole se tornaria suportável se estivessem juntos. É então, a partir dessa reunião de estudantes africanos, vindos das mais variadas partes da África

---

<sup>5</sup> MENEZES, Solival. **Mamma Angola**: sociedade e economia de um país nascente. São Paulo: Edusp, 2000.

colonizada por Portugal, que entra em cena a *Casa dos Estudantes do Império*<sup>6</sup>, lugar de concentração e convívio histórico desses migrantes, e espaço do qual Pepetela se apropria para ambientar o primeiro capítulo da obra.

São vários os tipos que habitam na casa, representando, por conseguinte, essa geração de jovens intelectuais, entre os quais: Sara, que apesar de não morar na CEI frequentava assiduamente aquele espaço; Malongo, jogador de futebol, mas que demonstrava pouco interesse para os assuntos políticos; Aníbal, o sábio, personagem que apresenta um discurso crítico em relação ao sistema opressor; Horácio, o poeta, que era o responsável por inserir a literatura nas rodas de conversa; Laurindo; Furtado e, por fim, Elias, protestante radical e adepto das ideias de Fanon. Essas personagens vão figurar ao largo da narrativa, e é através delas que o leitor conhece não só a maquinação utópica da organização da luta pela independência, mas também com o que se projetou na sociedade de Angola pós-1975.

A casa serviu de palco principal à formação dos ideais revolucionários, nucleando política e historicamente a resistência com a formação do MPLA<sup>7</sup>, por exemplo, logo atraindo olhares da oficialidade salazarista por tratar-se de um ambiente habitado por estudantes que recebiam certos *privilégios* governamentais. Aos olhos do governo português, especialmente da PIDE<sup>8</sup>, esses jovens se tornariam a elite intelectual gestora de seus países e, nessa ordem, poderiam servir como aliados político-ideológicos em seu regresso às colônias.

Por conta disso e como forma de controlar de perto esse grupo de estudantes, Salazar decidiu realocá-los para uma sede central, em Lisboa, ficando a organização do espaço por conta dos moradores e sob o financiamento direto da administração portuguesa. O espaço passou, então, a ser ponto de convergência de jovens africanos que se reuniam para conversar a respeito das tensões estabelecidas nas colônias e sobre seus anseios; no entanto, os assuntos migraram fundamentalmente à política colonial, uma vez que, ao viver na metrópole, os acontecimentos político-sociais das colônias se distanciavam: “O que se passa realmente na terra? O que é verdade e o que é propaganda do regime? E como estão os pais lá, confrontados com uma guerra? Pois é duma guerra que se trata, diga o governo o que disser” (PEPETELA, 2013, p.14).

Embora notícias oficiais registrassem o contrário daquilo que traz o excerto<sup>9</sup>, a população sabia que a guerra estava em curso ou, ao menos, a tensão do que seria a guerra de

---

<sup>6</sup> Para maiores conhecimentos em relação à CEI, consultar:

<<http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/viewFile/2013/2033>>.

<sup>7</sup> Movimento Popular de Libertação de Angola.

<sup>8</sup> Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

<sup>9</sup> Ver os seguintes jornais em circulação à época: Diário de Lisboa; Diário de Notícias; O Século; O Expresso.

libertação<sup>10</sup>. O regime totalitário de Salazar não permitia que notícias sobre África colonial circulassem pelos centros urbanos do país, pelo menos não aquilo que, de fato, ocorria. Muitas matérias eram espalhadas tendo como temática central a violência dos africanos contra os portugueses, ou seja, fatos distópicos que não ofereciam uma proximidade com a prática administrativa nas colônias.

Na reflexão feita por Sara, a problemática do silenciamento está evidenciada, pois, para ela, a censura estava

“a trabalhar a todo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. Os jornalistas enchiam-se de discursos patrioteiros, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos. Sabia-se que o Norte se tinha revoltado em nome dum antes desconhecida UPA e de Lumunba, que era uma esperança de futuro. Tudo começou em 15 de março. Não, antes, em 4 de fevereiro, houve ataque às prisões de Luanda para libertar os presos políticos. Seguiu-se uma repressão terrível em Luanda, falava-se de milhares de mortos entre os nacionalistas. Aí também mistério, quem executará as ações, qual o seu objetivo? Depois foi março no Norte. Um levantamento contra os brancos, os fazendeiros de café eram mortos e as povoações saqueadas. Era pelo menos essa a propaganda do governo. Informações recolhidas pelos estudantes em outras fontes confirmavam a versão do governo. Mas não seria só intoxicação? (PEPETELA, 2013, p.14).”

Esse movimento da censura serviu como mote à formação de uma organização resistente nos espaços de convivência de africanos em Portugal. Como se pode observar na narrativa, nem Sara nem seus amigos estavam de acordo com a situação que se projetava na metrópole.

“Sara não podia estar de acordo. Os amigos também não estavam, queriam um programa político consequente. Nessas conversas e ideias, passavam os dias, fazendo suposições. Dava mesmo para estudar? Para Vítor era certamente pior. Vinha do Huambo, onde não se tinha notícia de grandes convulsões. Mas repressão devia estar a agir também. E ele sofria o racismo exacerbado pela propaganda em Portugal. (PEPETELA, 2013, p. 14).”

O discurso e a práxis colonial portugueses buscavam espolar os sujeitos de África do estrato mínimo de seu imaginário, daquilo que lhes era mais valioso: o sentimento de pertença ao espaço negro. Essa lesão imaginária, provocada por discursos violentos, desarticula o *estar* em Portugal e o *ser* africano, convergindo à cesura da rede imaginária que alimentava a memória e o fazer dos estudantes. Em suma, acentuava o deslocamento dos sujeitos já deslocados. O racismo exacerbado, o apagamento sistemático da identidade e da cultura são alguns dos exemplos que levaram os intelectuais africanos, na sua condição de sujeitos históricos, a colocarem em curso a resistência organizada, que culminaria com a revolução.

---

<sup>10</sup> A fim de sistematizarmos o conceito de Guerra de Libertação, tomamos os anos de 1961 e 1975 como datas de início da resistência e a conquista da independência.

Na figuração dessas personagens, Pepetela cria uma narrativa que conduz o leitor pelos caminhos percorridos no final da década de 1960, quando os primeiros movimentos acerca da revolução começam a ser gestados. É ali, que a utopia se projeta, haja vista que, para o sujeito-escritor Pepetela,

“a utopia não representa a busca de um sonho irrealizável; ao contrário, a ideia de mudança surge-lhe como base para a crença num projeto que se identifica com os anseios de uma geração não conformada com o estado opressivo imposto pelo regime colonialista português. (MARIANGELO, 2009, p. 289).”

A não-conformidade à qual o escritor se refere, fez com que movimentos contrários ao governo e favoráveis à revolução surgissem e, ainda, servissem de base ao tratamento ficcional que o autor dá aos eventos históricos. Silenciados durante décadas, os africanos foram impedidos de assumir o discurso próprio, uma vez que foram obrigados a assumir nuances de identidade que não eram suas, e nessa perspectiva “entra toda a questão do “tomar” a palavra, “tirar” a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc.” (ORLANDI, 2007, p. 29). Foi através desse sentimento de não-conformidade, portanto, aliado à necessidade de retomar o direito de enunciar e de enunciar-se, que a elite intelectual, oriunda da CEI, e ficcionalizada por Pepetela, projetou a revolução: uma revolução que se firmou pela palavra e que se erodiu pela palavra.

A rigidez ditatorial impedia que algo passasse despercebido aos olhos da PIDE, de modo que os moradores da casa passaram a utilizar a escrita para reivindicar seu espaço. A personagem Horácio é chamada de poeta, pois atravessa horas de seu dia apresentando a literatura aos seus companheiros. Assim, como na malha fictícia, também na história da Casa, existiram muitos *Horácios*, que pelos corredores transpunham seus anseios ao papel<sup>11</sup>; as palavras de Pires Laranjeira corroboram e enfatizam a ideia posta. Observa ele que

“o intelectual emergente nas colônias questiona, em primeiro lugar, o seu lugar na sociedade colonial e a sua relação com a “metrópole”, para, de seguida, questionar a legitimidade do colonialismo e, portanto, sugerir uma nova ordem não colonial, e mesmo pós-colonial, que passava pelas independências. (LARANJEIRA, 2001, p. 126)”

A nova ordem, à qual o crítico se refere, relaciona-se à literatura que se solidificou e ganhou força por romper os silêncios tão presentes na sociedade africana. Essa literatura se transforma em estratégia de resistência, principalmente, por trazer à tona a problemática colonial. Nessa perspectiva, aparece o silêncio como forma de resistência. De acordo com

---

<sup>11</sup> De 1948 a 1964, foram publicados mais de 100 números do Boletim *Mensagem*, abordando assuntos como a saudade da terra natal, críticas ao sistema opressor colonial, amor à África, informações e curiosidades sobre os países africanos.

Orlandi (2007, p. 53), “há uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar, mas de fazer dizer “uma” coisa, para não deixar dizer “outras”. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Essa é sua dimensão política”. A autora revela, ainda, que a

“situação típica da censura traduz exatamente essa asfixia: ela é a interdição manifesta da circulação do sujeito, pela decisão de um poder de palavra fortemente regulado. No autoritarismo, não há reversibilidade possível no discurso, isto é, o sujeito não pode ocupar diferentes posições: ele só pode ocupar o “lugar” que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito. (ORLANDI, 2007, p. 79)”

As identidades dos sujeitos africanos colonizados foram, factualmente, afetadas, no entanto, pela literatura que se ergueu nas dependências da Casa dos Estudantes do Império e, mais tarde, se espalhou pela frentes de resistência do MPLA e da FRELIMO, os indivíduos da África colonizada por Portugal ganharam voz, quebraram o silêncio e se impuseram avessos ao sistema opressor, criando estratégias de resistência pela palavra e originando *eus* cindidos no espaço social. Para atrelar a imagem ao nome, Cassirer (2002, p.42) observa que

“Cuando por una parte el yo se entrega por completo a una impresión momentánea y queda poseído por ella y se produce, por otra parte, una tensión suprema entre él y el mundo; cuando no simplemente se contempla o mira el ser exterior; sino que este en cierto modo asalta al hombre directa y repentinamente en el sentimiento del miedo o de la esperanza, del terror o del deseo ... entonces de algún modo salta la chispa y la tensión se afloja, objetivándose la excitación subjetiva y presentándose ante el ser humano cual dios o demonio.”

A narrativa de Pepetela mostra exatamente isso: a força que se edificou e se sustentou na e pela palavra, nos e pelos não-ditos, atrelando imagens constitutivas à nação surgente e desintegrando-as no pós-independência.

## **UM NOVO CAMINHO COMEÇA A SER ESCRITO!**

“África, me refiro às ex-colônias, pesa na memória portuguesa com alguma violência, particularmente experimentada nos últimos quinze anos, em que a guerra colonial antecedeu às independências. Parece haver quase uma necessidade de esquecimento da carga demasiado pesada que o processo imperial arrastou consigo. O passado tende, por vezes, a ser olhado ou com algum desconhecimento – a memória é curta, e certas memórias são para esquecer – ou com uma visão mais ou menos maniqueísta, que considera apenas o sentimento de uma certa culpabilidade, e o necessário investimento de remissão dessa “culpa” histórica. Entre o culpado, que personifica a imagem do colono, e a vítima, que encena o colonizado, haverá certamente um lugar mais distanciado e, provavelmente, mais neutro, de encarar os fatos da história e da literatura. (LEITE, 2012, p. 140)”

As palavras da professora Ana Mafalda Leite sintetizam bem a condição pós-colonial, produto da conjuntura histórica e das relações estabelecidas entre a administração portuguesa e seus territórios ultramarinos, herdada pelos colonos e pelos colonizados. A dor, poética de

descentramento dos sujeitos envolvidos nesse episódio, e a materialidade literária que daí se ergue, buscarão tratar ficcionalmente as nuances dessa alegoria histórica que permanece na memória e faz com que as imagens sociais caminhem para um mesmo centro de significação. Os narradores de *Pepetela* articulam narrativamente parte desses eventos históricos da descolonização, a fim de organizar a memória que, por vezes, caminha ao esquecimento. E um dos episódios significativos que antecederam à guerra de libertação em Angola, foi a fuga dos estudantes que viviam na metrópole, mais especificamente na Casa dos Estudantes do Império.

Após a fuga em massa de estudantes moradores da metrópole portuguesa, ocorrida no final da década de 1960, conforme registrado nos arquivos oficiais da PIDE, as cesuras ideológicas fizeram com que muitos intelectuais assumissem a organização das frentes de batalha. A guerrilha teve início em 1961, e as personagens dessa longa trajetória vivenciaram de perto as tensões de estarem isoladas em um terreno que não lhes era passível de fuga.

A *chana* vai trazer à tona o ponto de vista de duas personagens: Aníbal e Vitor Ramos. A essa altura da luta anticolonial, Aníbal já não mais se encontrava na guerra, mas figura evidenciado por meio das memórias de Vitor, que narra sua luta cotidiana para chegar ao destino final: a Zâmbia. A personagem usa do compêndio de imagens que habita sua memória para refletir sobre as conversas que teve com Aníbal. Passados anos do início da revolta armada, já não existia tanta camaradagem entre os combatentes, o que foi substituído pela desconfiança e por desavenças, grande parte por conta da intensificação do tribalismo e do racismo, que, por sua vez, eram alimentados pela UPA<sup>12</sup>, movimento apoiado pelos Estados Unidos, à época. Mas, também, pelo fato de que os ideais que levaram às lutas de libertação já não eram mais os mesmos. Vitor descreve alguns desses momentos, quando de suas conversas com Aníbal, em que se pode notar que a mudança de ponto de vista gerou, sim, desestabilizações relacionais.

“ - Conhecemo-nos desde Lisboa, da Casa dos Estudantes. Há quantos anos já, Aníbal? Doze, treze, sei lá. E andamos há três mais ou menos juntos, nesta frente. No Kuando, no Kembo, no Kuanavale, aqui. Sempre fizemos parte do mesmo comando. Depois deste tempo todo, deves conhecer-me... Sempre te considereei um amigo. Achas que sou um oportunista?

- Os homens mudam, não sei. Antes pensava que era um pouco superficial, inconstante, mas honesto. Nem sempre corajoso. Não me refiro à coragem física, sempre te comportaste em homem corajoso que sabe camuflar o medo, mas à coragem moral. Hoje não sei. As circunstâncias fazem mudar o homem. Antes aproveitavas da posição de responsável para teres privilégios, não demasiados, diga-se de passagem. Mas era compreensível, estava instituído, tinhas tido vida fácil na Europa, habituaste-te a certas coisas. [...] Mas, de repente, mudaste. Notei quando voltei da última missão. Na minha ausência transformaste-te, bastaram três meses. (PEPETELA, 2013, p.17)”

É nesse contexto que se entra em contato com uma utopia às avessas, um sentimento ainda muito presente, mas que entrou em conflito com a própria condição humana. Já no excerto

---

<sup>12</sup> UPA – União das Populações de Angola.



anterior, percebe-se que as divergências existentes entre os dois personagens começaram a surgir, revelando a forma como ambos percebem que a guerra havia mudado. Aquilo que foi projetado, ainda nos espaços da CEI, não se torna atingível, realizável em sua plenitude, pensamento esse que perpassa grande parte desse capítulo da obra.

A professora Rita Chaves aponta que no

“segundo capítulo, “A chana”, cujas ações localizam-se já no espaço da luta concreta, tendo os guerrilheiros como personagens centrais, altera-se o tom e o ponto de vista da narrativa. [...] Aqui é perfeitamente possível detectar as contradições e insuficiências que levariam aos desvios do projeto em parte tão alimentado na “Casa”. Na dureza das ações, a solidariedade já não é a tônica e os procedimentos divisionistas cumprem a terrível função de anunciar a precariedade da vitória. O desencanto parece chegar antes do fim da guerra de libertação e o discurso do narrador não oculta o sentimento de frustração a prenciar a descrença. O clima favorável à identidade dos primeiros tempos da luta se dilui. A possibilidade de comunhão de que a terna aproximação entre o narrador e Sara parecia ser uma imagem converte-se em discreto afastamento, numa relação que se faz também com as pontas de uma boa dose de ironia. (CHAVES, 1999, p. 228)”

Para Aníbal, personagem que aparece como o grande idealizador das lutas de independência, a questão da revolução caracterizava-se como fundamental para a constituição democrática na nação que despertava, no entanto, percebe que essa luta se tornou vazia de sentido, o que lhe causa um estranhamento profundo, certa descrença, e vai maculá-lo com um permanente descentramento. Confrontando as ideias de Aníbal, aparece Vitor Ramos, que a essa altura já não alimentava em seu imaginário razões nítidas para a luta, tendo-se perdido do grupo de origem, o que mais lhe interessava era chegar à fronteira. Contudo, ao largo de suas andanças pela *chana*, recorda de uma das conversas que teve com Aníbal, em que se evidencia, justamente, a falta de perspectiva em relação ao desfecho da guerrilha.

“- Quantos mortos nesta guerra? Quantos lares abandonados, quantos refugiados nos países vizinhos, quantas famílias separadas? Para quê? Quando penso nos sofrimentos somados de todos, nas esperanças individuais destroçadas, nos futuros estragados, no sangue, sinto raiva, raiva impotente, mas contra quê? Já nem é contra o inimigo. Cumpre o seu papel de colonizador. O colonialista é colonialista, acabou. Dele não há nada a esperar. Mas de nós? O povo esperava tudo de nós, prometemos-lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranquila do amanhã. Falamos do amanhã. Ontem era a noite escura do colonialismo, hoje é o sofrimento da guerra, mas amanhã será o paraíso. Um amanhã que nunca vem, um hoje eterno. Tão eterno que o povo esquece o passado e diz ontem era melhor que hoje. (PEPETELA, 2013, p. 169)”

A Aníbal, observa-se no trecho, a frustração em relação à guerra é nítida. Depreende-se, daí que a utopia, para a personagem, se perdeu em algum lugar pelo vasto caminho já percorrido na *chana*. O caminhar hostil oferecido pela geografia é o deslocamento obstaculizado para o devir constitutivo do país democrático. Já não se sabia mais ao certo porque ou para que era preciso lutar. É justamente através dessa reflexão que se torna importante analisar como são

construídos os percursos históricos que leva(ra)m esses sujeitos a repensarem sua posição frente à independência que está na iminência da história. Essa nuance será decisiva para o posicionamento sócio-político das personagens no pós-guerra anticolonial, visto que “a utopia tem como adversário os próprios homens que investiam em sua construção. As diferenças deixam de ser diversidade para se transformarem em capital de negociação, em patrimônio para obtenção de vantagens na sociedade ainda em formação” (CHAVES, 1999, p.228).

Ademais, desde essa perspectiva, o capítulo em questão abre discussão para um ponto importante: é sabido que todo o processo colonial causou grandes transformações nos sujeitos angolanos, e é justamente essa transformação que aparece evidenciada. Uma vez que o rumo da vida de jovens intelectuais que foram à metrópole em busca de formação universitária, tornaram-se guerrilheiros e assumiram as frentes de batalha jamais seria o mesmo. Ao acompanhar a tessitura narrativa, acompanha-se, também, o processo de transformação pelo qual passam Aníbal e Vítor Ramos.

Com a ida para a guerrilha, as duas personagens voltam ao centro da figuração já com nomes de guerra: Aníbal se transforma em Sábio e Vítor Ramos adota o nome de Mundial. O efeito de adotarem um nome de guerra faz refletir sobre dois pontos significativos: o primeiro faz menção à própria guerrilha, em que os combatentes, para se protegerem, usam um nome de guerra como camuflagem, haja vista que muitos dos frequentadores da antiga CEI, agora, lutavam em grupos opostos; por outro lado, e de forma mais significativa, há o segundo ponto, aquele que remete à própria identidade do sujeito, uma vez que, assumindo um novo nome, esses sujeitos acabaram incorporando, também, uma nova identidade. Essas personagens, que de fato representam uma geração, são confrontadas com uma nova realidade, que não estava em seus planos quando de sua ida a Portugal. Assim, como houve uma mudança na forma do pensar e do agir durante a permanência em Lisboa, ocorre, também, uma significativa transformação desses intelectuais durante a sua permanência nos campos da guerra anticolonial, em que a coletividade abre lugar para a individualidade. O guerrilheiro, embora acompanhado de seu grupo, é um indivíduo isolado, voltando-se a si próprio o efeito fenomenológico de sua estatura naquele espaço de luta. Ernst Cassirer, a esse respeito, afirma que

“para a concepção mítica fundamental, a individualidade humana não é algo simplesmente fixo e imutável, mas algo que, a cada passo, em uma nova fase decisiva da vida, ganha um outro ser, um outro eu, esta transformação também se exprime, antes de tudo, na troca do nome. Na sagração da puberdade, o rapaz recebe outro nome, visto que, através dos ritos mágicos que acompanham a iniciação, deixou de existir como menino, renascendo como um outro, um homem, no qual se reencamou um de seus antepassados. Outras vezes, a troca de nome deve servir para proteger o homem contra um perigo iminente; o ameaçado se subtrai ao perigo, na medida em que, com o nome novo, atrai de certo modo um eu diferente, cujo envoltório o torna irreconhecível. (1992, p. 70)”

Esse *eu diferente*, ao qual Cassirer se refere, presentifica-se na obra através das duas personagens aqui apresentadas. Elas deixam de existir dentro de um universo simbólico e incorporam outro, em que um novo *eu* vai surgir e configurar outra estatura para cada uma delas, levando-as a constituir-se *outro*, alheio à ideologia primeira, motivadora dos movimentos íntimos. Isso fica evidente ao passo que se desenrola a narrativa quando tanto Aníbal quanto Vitor mudam seus posicionamentos críticos em relação aos ideais que configuraram a revolução. Seja através dos diálogos seja através de um processo de rememoração de Vitor, nota-se que a ida para a *chana* causou, também, uma revolução na própria essência de ser, fazendo com que repensassem seus valores, suas crenças, suas convicções e suas projeções para o futuro, o que se torna fator decisivo para sua trajetória no pós-independência.

Ainda na perspectiva de Cassirer (1992, p. 68), os nomes escolhidos pelas personagens também nos dizem muito, uma vez que a

“identidade essencial entre a palavra e o que ela designa torna-se ainda mais evidente se, em lugar de considerar tal conexão do ponto de vista objetivo, a tomamos de um ângulo subjetivo. Pois também o eu do homem, sua mesmidade e personalidade, estão indissolúvelmente unidos com seu nome, para o pensamento mítico. O nome não é nunca um mero símbolo, sendo parte da personalidade de seu portador; é uma propriedade que deve ser resguardada com o maior cuidado e cujo uso exclusivo deve ser ciosamente reservado. Por vezes, não é apenas o nome próprio, mas qualquer outra designação verbal, que é, desta forma, manejada como uma propriedade física, podendo ser como tal adquirida e usurpada.”

Os nomes adotados pelas personagens ao largo da guerra remetem à própria posição assumida durante a luta armada. Aníbal, o Sábio, é aquele que assume a posição de liderança. Sua visão da situação colonial, bem como da revolução que está em curso, transformam-no em um combatente respeitado. Vitor, o Mundial, traz no nome toda a ideologia da independência: os valores consagrados pelo grupo eram universalizantes. Contudo, o que acontece é que Vitor trai a si mesmo, uma vez que, ao final do processo, se volta individualista, egoísta, tangenciando aquilo que seu nome de guerra representa. Consoante Cassirer (1992, p. 69),

“Noutro sentido, também, a unidade e unicidade do nome não compõem somente o signo da unidade e unicidade da pessoa, mas a constituem realmente, pois o nome é que, antes de mais nada, faz do homem um indivíduo. Onde não existe esta distinção verbal, os limites da individualidade começam a apagar-se.”

Ao se atentar ao que o autor diz sobre a unicidade do nome e essa relação com a constituição do ser, não se pode deixar aqui, em última instância, de avaliar também o próprio significado de Aníbal, já que esse nome traz uma representatividade interessante. De acordo

com o dicionário de nomes próprios<sup>13</sup>, Aníbal “tem origem no fenício *Hhannibaal*, composto pela junção dos elementos *hannah* que significa “Graça” e *Baal*, nome do principal deus para os fenícios: “Baal é gracioso, o gracioso Baal ou Graça de Baal”. Além disso, Aníbal, na História, foi um general da república cartaginesa, que lutou contra os romanos e é considerado um dos maiores estrategistas da história das guerras. Aníbal foi um guerreiro que alcançou grandes façanhas o que vai de encontro com a personagem representada na obra de Pepetela, uma vez que as características apresentadas condizem à postura adotada pela personagem no romance. Já antes das lutas de libertação, foi ele – a personagem –, que ajudou a pensar a organização da revolução. Foi Aníbal, também, que introduziu os ideais revolucionários dentro da CEI. Com isso, evidencia-se a força que da personagem e o quanto seu nome está intrinsecamente ligado à essência de seu *ser*.

É dessa forma, portanto, que se delineiam os percursos dessas personagens, Vitor e Aníbal, dois opostos que lutaram juntos, compartilharam da camaradagem, mas que, motivados por ideais diametralmente opostos, se distanciam: Vitor segue seu projeto de ascender politicamente no pós-independência; Aníbal, ao contrário, toma outro rumo, bem mais solitário, busca o silêncio, como forma de compreender seus próprios medos diante do futuro que se apresenta a sua frente, materializando a cisão entre a impressão momentânea e sua significação, trazida por Cassirer.

## **O REENCONTRO DE SI.**

É possível que, pela análise da latência do silêncio em *A Geração da Utopia*, se perceba que este não tenha tido, antes, tanto significado quanto agora o terá. Ao largo da narrativa, várias são as vezes em que os “silêncios mútuos” aparecem, ora através dos anseios de Sara, que por vezes se cala ao invés de verbalizar seus pensamentos, ora pela censura instaurada pelo governo de Salazar e que impedia que as vozes das colônias fossem ouvidas; contudo é no capítulo intitulado *O polvo*, que o silêncio entra em cena com nova roupagem. Carregado de sentido e carregador de um arranjo simbólico dizente, esse silêncio faz refletir sobre todo um movimento, iniciado em 1960 e que, então, transcorridos sete anos da independência de Angola, vai aparecer não só como forma de resistência, mas também representando ausência e reencontro de si, em uma espécie de ressonância esquizoide. Pontua-se, contudo, que essa resistência não se direciona ao colonialismo propriamente dito, mas, antes, à sociedade

---

<sup>13</sup>Dicionário de Nomes próprios. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomespropios.com.br/anibal/>>. Acesso em: 28 de Abr 2017.

angolana, que, após o fim das lutas de libertação, vive em um simulacro político muito distante daquilo que se projetava como nação.

Aníbal, o Sábio, é o protagonista deste capítulo que, cansado dos rumores da guerra, muda-se para uma pequena casa, na praia de Caotinha, em Benguela. Isola-se, e o que chama a atenção é o fato de que sempre se caracterizou como uma figura revolucionária da sua geração, contudo, conforme percurso no capítulo anterior, é transformado pela guerrilha.

A mudança total, a ele parece impossível, menos possibilidade ainda vê no intento da sociedade angolana lograr um desenvolvimento de forma equiparada. Em se tratando de Sábio, a utopia deu lugar à desilusão, como materializa o trecho que segue:

“- Não posso aqui, nem lugar nenhum do mundo. Deixei de ser um lutador. Sei que me entendes. Perdi poucas batalhas, mas sou um vencido. No fundo somos todos uns vencidos, não temos futuro, mesmo os que hoje pensam que estão bem ancorados ao fundo. Basta uma vaga mais forte e vão à deriva. (PEPETELA, 2013, p. 260)”

É por se considerar um “vencido” que se movimenta ao silêncio, no intuito de compreender os ruídos da guerra e da independência. Com isso, ele coloca em jogo a transfiguração de um evento primeiro. É a visita de Sara que faz com que toda a ideologia pós-revolução de Aníbal seja evidenciada e que, por sua vez, vai elucidar alguns dos principais motivos que o levaram para o exílio. Uma dessas causas é a descrença na própria geração que gestou a independência. Ao refletir, constata que

“o mais importante de uma geração é dar qualquer coisa de bom à seguinte, um projeto, uma bandeira. No fundo é o pai a deixar uma herança para o filho. E é triste sentir que a nossa geração, que vos deu, apesar de tudo a independência, logo a seguir vos tirou a capacidade de a gozar. (PEPETELA, 1993, p. 304).”

E vai além, fala também da sua expectativa em relação à própria geração que se formou na década de 1940 e que tinha tudo para *acertar*.

“Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vitor antes, para só falar dos que conheceste. [...] Todos nós a um momento éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições [...] E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. [...]. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio. (PEPETELA, 1993, p. 202).”

A utopia e a possibilidade do incomum estavam em seu domínio, como bem observa a personagem, era o que movia essa elite intelectual. Contudo, o curso que a história seguiu colocou à prova toda essa ideologia e o planejamento de nação concebidos na CEI. A partir disso, Aníbal repensa sua própria condição de sujeito inserido no processo. O fato de isolar-se

do resto da organização social mostra como teve sua identidade abalada. Para Orlandi (2007, p. 55), a

“identidade – que exige coerência, unicidade, heterogeneidade disciplinada – produzida por nossa relação à linguagem nos torna visíveis e intercambiáveis, como sujeitos. Ao contrário, por sua relação com o silêncio, o homem se remete à continuidade, à contradição, à diferença, às rupturas, ao absoluto e à indistinção.”

As rupturas são, justamente, o que marcam o isolamento de Aníbal, uma vez que ele rompe não só com a proposta utópica de independência, mas, também, com sua condição de sujeito atuante em uma nação que estava em gestação. Essa ruptura está ligada à própria conjuntura político-social organizada no pós-independência e que converge ao que Aníbal denominou de *um discurso vazio*<sup>14</sup>. Logo após a guerrilha, muitos dos combatentes que fizeram parte do movimento utópico, com a conquista da independência, ocuparam cargos políticos, o que se justifica, uma vez que foram eles que gestaram a libertação colonial, por outro lado, uma vez que Angola pode dar o grito de independência, o individualismo tomou conta e as questões que tanto motivaram os pensadores da guerra foram esquecidas pelo tempo. Esse foi o caso de Vítor Ramos, o Mundial, que, logo após o 25 de abril de 1975, assumiu o posto de ministro da república e acabou por sepultar em definitivo qualquer possibilidade de transformar Angola no país sonhado.

Em diálogo travado com Sara, em uma das visitas que faz ao amigo, os dois conversam sobre essa questão da desilusão. Para Sara, Aníbal ainda era alguém influente no meio político, no entanto, ele deixa clara a sua posição em relação a isso.

“Deves concordar que a tua desapareção da cena política supreendeu muita gente. Ofereceram-te vários cargos, ao que constou. O Vítor disse-me que até para ministro. E tu vieste para aqui, longe de tudo, sem contactar ninguém. É pelo menos um comportamento especial. Depois de uma vida inteira de luta...

- O Vítor, O Mundial... continua ministro, mas há tempos mudou de pasta. Ouvi no rádio. Como vês, estou informado. Tenho um rádio e à noite, quando estou com paciência, ouço noticiários nacionais. Mas nem sempre, porque custa a engolir tantas palavras de ordem e discursos ociosos. [...] Aqui para nós, nunca entendi como o Mundial no derradeiro segundo se desviou da Revolta do Leste. Em 1972, quando partiu para a fronteira, já estava todo feito com eles. Não enganava ninguém. (PEPETELA, 2013, p. 244)”

Ao adotar o silêncio, Aníbal o tem como forma de resistência a essa sociedade na qual Vítor vivia com toda a *porosidade* do cargo de ministro. Em sua concepção, ele não conseguiria viver em meio a um espaço que transformou todo o projeto do pós-independência em uma ascensão de cargos políticos entre aqueles que se venderam para um sistema corrupto em sua essência funcional. Em um dos trechos em que aparece sua reflexão sobre o cargo assumido por

---

<sup>14</sup> Ver: CONTE, Daniel; NASSR, Paula Terra. A ficção de Pepetela e a resignificação do discurso da revolução no pós-independência. In: **Revista Estudos Linguísticos e Literários**. UFBA. Nº 53, 2016, Salvador: p. 85-103.

Vítor Ramos, Aníbal deixa claro que esse cargo de dirigente é escorregadio e poroso. É nesse momento que Sara faz menção a um comentário de Marta, amiga de Sara e que abrigou Aníbal dias antes da fuga, nos tempos da Casa dos Estudantes

“Fazes me lembrar a Marta. Depois de tu saíres de Portugal, a Marta dissera-me que tu só tinhas dois caminhos, ou morrer na guerra, o que seria melhor para ti, ou desencantares-te. Adivinhou. Porque perseguias um sonho utópico de revolução. Afinal desiludiste-te mesmo. (PEPETELA, 2013, p. 245)”

E, de fato, a desilusão com uma revolução justa fez com que ele próprio assumisse: “eu morri e desencantei-me. Os dois caminhos num só” (PEPETELA, 2013, p. 245). Nesse sentido, observa-se que o próprio perfil de Aníbal já dava conta de mostrar, como se nota também na constatação de Marta, de que somente a materialização do sonho utópico era aceitável. Seu envolvimento com essa revolução foi tão intenso, que não era possível o rumo da história seguir por outro caminho. Uma vez que o almejado não aconteceu, ele, o Sábio, desabou. Quando Aníbal resolve viver “avesso” ao mundo, a escolha da praia de Caotinha não foi aleatória. Aníbal, durante a infância, já havia estado por lá, pois “foi passar férias a Benguela e levaram-no a essa praia, onde um polvo enorme o assustou, polvo que lhe aparecia nos pesadelos antes de suas batalhas” (PEPETELA, 2013, p. 239). O movimento da personagem produz um efeito de sentido mais acentuado entre a memória de sua infância, o percurso regresso a sua puerilidade e o título do capítulo. Já aqui percebe-se que polvo e homem se misturam. No primeiro contato da personagem com o animal, Angola vivia sob domínio português. A essa época, ao que se parece, os ideais nacionalistas ainda não estavam tão firmados entre os indivíduos que pensaram a revolução, por conta disso, pode-se pensar o polvo como alegoria do sistema colonial, um conjunto de imagens que caminham a uma mesma significação. Foi, ainda, esse sistema opressor que fez parte de toda a vida do Sábio, que causou mudanças significativas na sua forma de olhar o mundo. A censura

“pode ser concebida como a interdição do sujeito em formações discursivas determinadas. Conseqüentemente, a identidade do sujeito é imediatamente afetada enquanto sujeito-do-discurso, pois sabe-se, a identidade resulta de processos de identificação segundo os quais o sujeito deve se inscrever em uma (e não em outra) formação discursiva para que suas palavras tenham sentido. Ao mudar de formação discursiva, as palavras mudam o sentido. (ORLANDI, 2007, p.76)”

No caso de Aníbal, a censura é a impossibilidade que sente em relação ao mundo que se ergue a sua volta, novamente não consegue, como nos tempos da política colonial, assumir e perpetuar seu discurso, sua ideologia. Ao mesmo tempo em que opta pelo silêncio, ele também é silenciado por essa nova ordem política que se ergue em Angola e que contraria todas as suas perspectivas como sujeito histórico. A identidade de Aníbal foi afetada, logo, seu discurso

também foi. E, talvez, a representatividade que o polvo tem na vida dessa personagem tenha sido fator determinante para que optasse por viver em uma terceira margem.

Faz-se importante mencionar que, para os angolanos, o polvo representa uma conexão entre passado e presente. O polvo e Aníbal se transformam em um só, antes, na infância, era a censura, a vida hostil que fazia parte da constituição do sujeito Aníbal, mas que foi perpassada pela necessidade de mudança. Já na fase adulta, tudo isso se transforma em pesadelo para Aníbal durante suas noites na guerrilha; pesadelo para a sociedade africana, que sofreu na pele com as chamas da guerra. O que confere ao polvo um *status* ambíguo, que pode ser visto como a própria guerra. A imagem do animal acompanha toda a vida de Aníbal, assim como o sistema colonial nele está maculado.

Ao passo que a revolução acontece, a personagem confronta-se com os medos da infância, medo de não conseguir ver seu país livre. O fato de Aníbal ir para a praia de Caotinha, ao encontro desse pesadelo do passado, gesta a esperança de se libertar. E assim como se frustra com a política que se instaura em Angola, essa mesma frustração aparece quando finalmente encontra o polvo temido, que nada mais é do que um pequeno animal inofensivo. A morte do polvo é, também, a morte do guerrilheiro, do sábio, do antigo revolucionário, que, com tanto afínco, pensou e lutou por um país livre de toda e qualquer forma de dominação, que regressou à memória de sua infância para livrar-se do trauma.

## À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As pessoas de que falas de maneira sofismática, não são pessoas, são apenas o cargo que ocupam no aparelho do Estado. Não há lugar para sentimentos, relações humanas, apenas relações de poder. Os homens deixaram de ser homens, com as suas virtudes e seus defeitos, são apenas cadeiras cômodas, são máquinas, parafusos, bens que se utilizam. Ou máquinas mais complexas que se servem desses bens. Essas pessoas de que falas, não são pessoas Sara, são o Estado, o sistema. (PEPETELA, 2000, p. 249).”

No excerto acima, tem-se a percepção dos que não deixaram de habitar os sonhos da revolução, é a percepção dos que abrem mão de seu amor para perpetuarem-se na luta armada e é a percepção dos que veem a necessidade de superação das diferenças étnicas para a solidificação da guerra anticolonial. Essa nova época em lugar da harmonia dos discursos históricos, condizentes com as proposições iniciais do Movimento de Libertação, fixou, a bem ver, a promiscuidade verbal, a prostituição adjetiva e a perpetuação, não da ética carregada de uma significação revolucionária, mas a dos vícios herdados da administração colonial e a corrupção, pois “desde fins do século XIX, pelo menos, vários comerciantes portugueses roubavam os negros, falsificando a qualidade dos produtos vendidos” (CARVALHO FILHO, 1997 p.3). No espaço pós-independência, há a instauração da desvalorização plena do silêncio



contemplativo e a total habitação de um silenciamento feito de medo, gerador de uma mudez social amparada pela burla, pela corrupção e pelo receio. Quando, categoricamente, observa que arquétipos são certos esquemas estruturais herdados biológica e culturalmente, Meletínski (2002) quer dizer da quase-não-potencialidade do homem de livrar-se de seus deuses domésticos, usando aqui a figura de Bachelard (1989), e conduz ao entendimento da reprodução ideológica. Se durante os anos de colonização portuguesa, os trabalhadores negros não tinham espaço de trabalho, conforme Menezes (2000), e se silenciavam em um processo de reação constituidora, agora sua voz se levanta ativa e impositora de semelhante discurso-possibilitador da transgressão da nova era, como foi, outrora o português. Além desse Estado já nascer incrustado de uma corrupção que mais tarde o levaria a uma hipotonia social no que se refere a sua automação e autolocomoção, a rede de preferências que nele se instaura, gerando uma bipolarização de classes, relegando uma gama social à habitação de um silêncio inoperante, é visível. Isso é uma reestruturação dos bens simbólicos, um (re)arranjo dos conceitos de identidade que não são propriamente uma troca, mas uma transformação advinda do embate entre anseios coletivos e projetos individuais incluídos na mesma formação discursiva, gerando um silêncio de assimetria. A mesma assimetria que vai surgir no país independente, o que nas palavras de Aníbal, em diálogo travado com Sara, vai gerar duas Angolas:

“ - Abordaste a guerra civil – disse Sara. – Ela também foi derivada dessa ruptura.  
- Claro. Há duas Angolas, elas se defrontaram. Duas Angolas provenientes dessa cisão da elite, a urbana e a tradicional. Isto de forma grosseira, é evidente, porque houve pontos de passagem entre os diferentes sectores. Felizmente nessa guerra houve um empate, nenhuma destruiu a outra. Mas continua a haver duas Angolas. Temos de tapar esse fosso, voltar a criar as pontes. Ora, não é com partidos que se consegue encher o fosso. Os partidos são feitos para dividir, não para unir. (PEPETELA, 2000, p. 364)”

A colocação de Aníbal, trazida ao largo do texto, sintetiza perfeitamente dois aspectos que fundamentaram a guerra e a independência: o silêncio e a mudez. O primeiro vindo de uma assimetria entre elementos partícipes de uma mesma ideologia, levando alguns à habitação de um espaço outro que não o do senso-comum; e a mudez, de um processo de esfacelamento do espaço íntimo do qual fala Bachelard (1998), proporcionada pela dominação impositiva do colonialismo. Impossível ignorar as duas Angolas, impossível desperceber a possibilidade do incomum e a desilusão de Aníbal.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. 1998. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes.

CARVALHO FILHO, S. de A. **O sistema colonial como burla, confisco e roubo: um desencadeador da conscientização nacionalista angolana**. Rio de Janeiro: S.n. 1997. Publicação do Programa de Estudos do Tempo Presente (TEMPO) – UFRJ e do Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-Americanos (PROAFRO)- UERJ. 1997.

- CASSIRER, Ernst. 1992. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva.
- CASSIRER, Ernst. 2002. **Lenguaje y mito**. Buenos Aires: Alfaguara.
- CHAVES, Rita. **Pepetela: romance e utopia na história de Angola**. 1999. In: Revista Via Atlântica: Porto Alegre.
- \_\_\_\_\_. **O Passado presente na literatura africana**. 2004. In.: Via Atlântica, São Paulo, nº. 7.
- LARANJEIRA, Pires. 2001. **Ensaio Afro-Literários**. Coimbra: Novo Imbondeiro.
- LEITE, Ana Mafalda. 2012. **Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: Eduerj..
- MARIANGELO, Célia Regina. 2009. A Geração da Utopia. In: CHAVES, Rita. MACÊDO, Tânia (Org). **Portanto... Pepetela**. São Paulo, Atelie.
- MELETÍNSKI, Eleazar. 2002. **Os arquétipos literários**. Cotia: Ateliê.
- MENEZES, S. 2000. **Mamma Angola**. Sociedade e economia de um país nascente. São Paulo: Edusp.
- PEPETELA. 2013. **A Geração da Utopia**. São Paulo: LeYa.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. 2010. **A gramática do tempo: por uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. 2001. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez.
- SAID, Edward W. 2007. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Cia. das Letras.
- \_\_\_\_\_. 1995. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Cia. das Letras.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. 2007. **As formas do silêncio**. Campinas: Editora da Unicamp.
- ORTIZ-OSÉS, Andrés. 1993. **Antropologia Hermenêutica**. São Paulo: Escher.